

Terceiro Seminário de
Media Watch Global
Third Media Watch
Global Seminar

Sexta/Friday, Jan 28, 12 h

Sala/Room
D-601

com/with
IGNACIO RAMONET
Presidente MWG

Roberto Savio
Secretario Geral MWG
Bernard Cassen
Le Monde Diplomatique
Mario Lubetkin
IPS

Omar Rincón
FES - Alemanha
Representantes de
MWG Brasil
MWG Francia

Tradução simultânea/
Simultaneous Translation

Many
Promises
to Keep

3

The
Millennium
Campaign

6

WORLD IPS

#2
JAN 28 2005

TERRAVIVA

THE INDEPENDENT NEWSPAPER OF THE WORLD SOCIAL FORUM V, PORTO ALEGRE, 26-31 JANUARY, 2005
O JORNAL INDEPENDENTE DO FORUM SOCIAL MUNDIAL V, PORTO ALEGRE, 26-31 DE JANEIRO, 2005



Fotos Cristiano Sant'Anna

EU SOU DAQUI...!
I Belong Here...!



“Eu estou presidente, mas sou dos movimentos sociais”

por Adalberto Wodianer Marcondes

Lula declara sua opção pelos mais pobres e diz em Porto Alegre que os países ricos não vão conseguir a paz sem antes acabar com a miséria.

Dois anos depois de brilhar como a grande estrela do Fórum Social Mundial de 2003, Lula retorna a Porto Alegre como o presidente brasileiro que mais viajou a países do terceiro mundo em toda a história.

No entanto, em sua aparição no Fórum Social Mundial de 2005, para um público que lotava o estádio do Gigantinho, em Porto Alegre, na manhã de quinta-feira, dia 27, Lula garantiu que de sua presença nos acarpetados salões de Davos, na Suíça, e das reuniões com organismos multilaterais saíram vitórias que beneficiaram não apenas o Brasil, mas a muitos dos países pobres do mundo.

“Lula é a liderança emergente capaz de apresentar outra lógica que não seja a do terror e da guerra”, resumiu Cândido Grzybowski, do Ibase e da organização do FSM. E a lógica de Lula aponta para ações como a

formação do G3, com a África do Sul e a Índia, que mostrou força durante as reuniões da Organização Mundial do Comércio, ou o G20, que levou o Brasil ao protagonismo na luta contra os subsídios agrícolas da Europa e Estados Unidos.

“As vitórias contra subsídios do algodão e da cana de açúcar ajudaram mais a países africanos do que o próprio Brasil”, disse Lula.

Nova geografia

Para o presidente brasileiro, o horizonte deve apontar para novas rotas comerciais. “É preciso juntarmos os iguais para poder mudar a geografia do mundo”, disse, garantindo que a América Latina segue sendo uma opção preferencial para o Brasil.

O presidente reafirmou a formação da Comunidade Sul-Americana das Nações recentemente, e frisou a disposição brasileira de utilizar mecanismos próprios de financiamento para a realização das obras de infraestrutura necessárias para tirar a integração regional do campo das idéias.

“O Brasil, apesar de pobre, vai ajudar o desenvolvimento da América Latina”, disse.

Em sua crítica mais forte à atua-



Paulino Menezes

Movimentos sociais vibraram com palavras de Lula

ção dos Estados Unidos na região, Lula afirmou que na crise recente entre a Colômbia e a Venezuela, deixou claro que os assuntos entre países da América do Sul não são de responsabilidade dos Estados Unidos.

Parte importante do desenvolvimento da região é o fortalecimento do Mercosul, com a participação da Argentina, do novo governo de

Tabaré Vázquez, do Uruguai, e com a estabilização do Paraguai e logo cometeu a gafe de se referir ao presidente argentino Nestor Kirchner como “companheiro Menem”

O presidente mostrou sua intimidade com as massas e arrancou aplausos ao dizer que o Brasil é a segunda nação negra do mundo, ficando atrás apenas da Nigéria.

A política internacional de Lula vai seguir apontando para o pluralismo dos atores internacionais. “Não há saída individual para nenhum país do mundo”, afirmou.

Lula disse ainda que foi convidado a participar da reunião do G-8 – Grupo dos sete países mais ricos do mundo mais a Rússia, e mandou um recado para aqueles que acham estes movimentos desnecessários: “Se os ricos fossem a favor da nossa agenda social, as coisas já estariam resolvidas”.

Para ele, já é um grande sucesso que a fome tenha deixado de ser um problema social para aterrisar forte na agenda política dos estados e das organizações multilaterais.

Lula defendeu a presença do Fórum Social Mundial e das entidades da sociedade civil na reunião da Organização das Nações Unidas, em setembro, e em todos os organismos multilaterais, como a Organização Mundial do Comércio, Fundo Monetário Internacional e outros.

A reforma destes organismos, observou, passa pela participação social. “As cúpulas de Davos e do Fórum Social Mundial terão de se reunir para acertar medidas concretas”, afirmou o presidente.

Para refutar as críticas ao seu governo, Lula esgrimiu números de estatística, como a demarcação de 47 reservas indígenas; a criação de 47 milhões de hectares e reservas florestais; um importante superavit da balança comercial, com as exportações chegando perto de US\$ 100 bilhões; e o crescimento dos empregos.

Os filhos do PT

Cristiano Sant’Anna



Lula: “Os protestos são de filhos do PT. Vão amadurecer e voltar ao partido quando crescerem”

Vaias e confusão do lado de fora

O público presente no Gigantinho era composto basicamente por militantes favoráveis ao presidente, mas um pequeno grupo – de até 30 pessoas – formado por integrantes do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), o PSTU, e alguns movimentos sociais e sindicais, foi responsável pelas vaias e gritos de desilusão à política do Governo Federal. Segundo Gerson Lima, integrante da Liga Operária do Brasil, o seu grupo estava no local “para protestar contra este governo pró-imperialista, que apoia o Bush e manda tropas para o Haiti, realizando exatamente a mesma política americana”.

“Lula só veio à Porto Alegre por vir. Falou em um lugar fechado para evitar receber vaias”, afirmou Rafael Aguado, militante do PSTU. Já Tiago Andriotti, militante petista ficou feliz com a vinda de Lula e ouviu dele o que já esperava. “O discurso de Lula foi o esperado. Tudo o que ele poderia ter feito, fez. Agora é esperar, pois não se resolvem todos os problemas do Brasil de um dia para o outro”, opinou. Antes dos discursos começarem, uma banda composta por 16 integrantes, animava os presentes. Com repertório variado, que incluía sucessos

de grupos e artistas como Legião Urbana, Cazuza e Pink Floyd, o público nem percebeu o atraso na fala presidencial. Entre uma música e outra, o conjunto tocava um famoso jingle das campanhas de Lula, que o público acompanhava em coro. “Olê, Olê, Olê, Olê! Lula, Lula!”. A oposição presente trocava o nome ‘Lula’ pela palavra ‘fora’.

Repressão

A segurança dentro do ginásio quase não precisou se manifestar. “Fora a conduta inconveniente de dois manifestantes, que tentaram jogar ovos nas autoridades, a manifestação ocorreu tranqüila e não foi necessário uso da força”, disse Luís Marques Teixeira, comandante do pelotão da Brigada Militar que fazia a segurança dentro do Gigantinho. Não foi assim, porém, que os manifestantes contrários viram a situação. “A polícia agrediu alguns companheiros que acompanhavam o discurso de Lula, na parte de dentro do ginásio. Essa repressão é lamentável”, reclamou Leony Rodrigues, militante da juventude do PSTU. Seguranças bloqueavam a passagem do público na arquibancada localizada atrás da mesa onde

estavam as autoridades, para evitar que objetos fossem atirados contra os conferencistas.

Mas na parte externa do Gigantinho, cerca de 70 militantes do PSTU e PSOL entraram em conflito com simpatizantes de Lula. “Está oposição sempre agiu assim e vai continuar a agir. Eles estão tentando conquistar o espaço deles, mas de uma forma imatura e inconsequente”, disse Tiago Andriotti. O tumulto ocorreu em frente ao Portão 1, mas logo a polícia contornou a situação. Segundo o major Antônio Lauro Kummer, sub-comandante do batalhão da Brigada no local, “a manifestação durante o evento foi pacífica, apesar de algumas pessoas terem forçado as grades para tentar entrar, sem maiores conseqüências”. Dois dos manifestantes foram retirados do local pela Brigada Militar.

Trânsito lento

Quando Lula se despediu do público, ao som da escola de samba carioca Portela, por volta das 12h30min, as manifestações na parte externa do já haviam acabado, desafogando o trânsito de veículos nas redondezas.

TerraViva is an independent publication of IPS-Inter Press Service news agency. The opinions expressed in TerraViva do not necessarily reflect the editorial views of IPS or the official position of any of its sponsors. IPS gratefully acknowledges the financial support received for this publication from Oxfam International and Friedrich Ebert Stiftung (FES).

Publisher
Mario Lubetkin

Managing Editor
Alejandro Kirk

Editors
Fitzroy Nation
José Antonio Silva

TerraViva Reporters
Debra Anthony
Inara Claro
Mario Dujisin
Richel Dursin
Silvio Ferreira
Zarina Geloo
Adalberto Marcondes
Dica Sitoni
Qurratul-Ain-Tahmina
Hilmi Toros

IPS Correspondents
Peter Dhondt
Ramesh Jaura
Raúl Pierri

Photographers
Paulino Menezes
Cristiano Sant’Anna

Art
Cristina Pozzobon (Editor)
Rosana Pozzobon
Vinicius Kraskin

Interns
Annalena Oeffner
Felipe Seligman

Editorial Assistant
Ana Libisch

Web
Marcelo Boedo

ActionAid International supported the participation of Richel Dursin, Zarina Geloo and Qurratul-Ain-Tahmina, journalists from Africa and Asia-Pacific in TerraViva

IPS-Inter Press Service is a global news agency that provides news features, analyses and commentaries on the events and processes affecting the development of peoples and nations, especially in the South. As an international not-for-profit association of journalists, IPS enjoys NGO consultative status (Category I) with the Economic and Social Council of the United Nations.

© 2005 IPS-Inter Press Service
www.ipsterraviva.net

A White Band to Strangle Poverty

By Qurratul-Ain-Tahmina

Coumba Toure had a story to tell. In the streets of Dakar, Senegal, little birds are available in cages. Someone plagued with misfortune can buy a bird for 15 cents and set it free, hoping that this good deed will bring some good luck. But, as Toure pointed out, one must not forget the bird's entrapment in the first place.

"Our goal is to break the cage," said Toure, "We must tackle poverty at its deepest roots...and destroy the factory in which poverty is manufactured." Toure called upon every single person to wear a white band and join the Global Call to Action Against Poverty (GCAP).

Toure, from GCAP Africa, was speaking at the launch of the NGO-led civil society movement, conceived in Johannesburg last September. Organisers describe GCAP as an open alliance of 'hundreds of organisations', ranging from international actors like ActionAid or Oxfam, to regional and local community-based organisations, trade unions, women's groups, NGOs or faith groups. Aided by the solidarity symbolized by the white band, the movement aims to make national governments and governments of rich countries comply with their promise to end poverty.

As the organisers point out, many promises have been made, including the recent Millennium development pledges, fair trade rules at the WTO, and proposals to cancel the international development debts of the poor countries.

They stress that the World Bank and IMF must cancel all debts of the poorest countries. At a time when the political agenda is dominated by bombs and terror, leaders have to be forced to bear in mind that "every day in this world 50,000 people die because of pov-



Poverty: life or debt?

erty". They also call for more aid from richer countries related to poor people's priorities, an end to privatisation of public services, and gender-sensitive development, among other things.

"GCAP recognizes that poverty is not merely an issue of South Asia or Sub-Saharan Africa," says John Samuel, ActionAid International's director for Asia. "It is optimistic that the people will."

The presence of Brazilian president Luis Inácio Lula da Silva at the launching ceremony caused considerable distractions, but organisers feel Lula is

committed to taking the message to other leaders of the world and therefore his presence helped the process.

Mobilisation will be coordinated by the Global Action Forum, with the main thrust being on regional and national initiatives. White Band Days are planned for 2005 to coincide with the G-8 summit in July, the UN Millennium Summit in September and the WTO ministerial meeting in December.

At yesterday's launch, President Lula said the GCAP was more than a group that discusses issues about social change. It is making poverty a political issue.

Cristiano Sant'Anna

Uma faixa branca para acabar com a pobreza

Por Qurratul-Ain-Tahmina

Coumba Toure tinha uma história para contar. Nas ruas de Dakar, Senegal, passarinhos estão disponíveis em gaiolas. Qualquer pessoa aborrecida com algum infortúnio pode comprar um passarinho por 15 cents e libertá-lo com a esperança de que essa boa ação lhe traga boa sorte. Porém, como diz Toure, em primeiro lugar, não se pode esquecer o aprisionamento do passarinho.

"Nossa meta é quebrar a gaiola", disse Toure. "Nós precisamos atacar a pobreza em suas raízes mais profundas... e destruir a fábrica onde a pobreza é feita". Toure pediu a todas as pessoas que usassem uma faixa branca e se juntassem à Chama da Global para a Ação contra a Pobreza (GCAP).

Toure, da GCAP África, estava discursando no lançamento do movimento da sociedade civil liderado por ongs (organizações não-governamentais), concebido em Johannesburg, em setembro passado. Os organizadores descrevem a GCAP como uma aliança aberta de "centenas de organizações", desde internacionais, como a ActionAid ou o Oxfam, até as de comunidades regionais e locais, associações comerciais, grupos de mulheres, ongs ou grupos religiosos. Auxiliado pela solidariedade simbolizada pela faixa branca, o movimento objetiva despertar o interesse de governos nacionais e de países ricos para sua promessa de acabar com a pobreza.

Como observaram os organizadores, muitas promessas foram feitas, incluindo as recentes Metas de Desenvolvimento do Milênio, regras justas de comércio da OMC (Organização Mundial do Comércio) e propostas para cancelar as dívidas dos países pobres.

Eles enfatizam que o Banco Mun-

dial e o FMI (Fundo Monetário Internacional) devem cancelar todas as dívidas dos países mais pobres. Em uma época em que a agenda política é dominada por bombas e terror, os líderes devem ser forçados a ter em mente que "todos os dias neste mundo 50 mil pessoas morrem por causa da pobreza". Eles também reivindicam mais ajuda dos países mais ricos para as prioridades das pessoas pobres e o fim da privatização dos serviços públicos, além de um desenvolvimento que leve em conta os gêneros, entre outras coisas.

"A GCAP reconhece que a pobreza não é meramente uma questão do sul da Ásia ou da África subsariana", disse John Samuel, diretor da ActionAid International para a Ásia. "As pessoas querem ser otimistas."

A presença do presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva na cerimônia de lançamento causou uma considerável distração, mas os organizadores acham que Lula está empenhado em levar a mensagem a outros líderes mundiais e assim sua presença ajudou no processo.

A mobilização será coordenada pelo Fórum de Ação Global com a força principal voltada para as iniciativas regionais e nacionais. Os Dias da Faixa Branca estão planejados para 2005, para demonstrar e aplicar pressão sobre os líderes. Eles coincidirão com o encontro do G-8, em julho, o Encontro do Milênio da ONU, em setembro, e a reunião ministerial da OMC, em dezembro.

Na cerimônia de lançamento de ontem, o presidente Lula disse que a GCAP era mais do que um grupo que discute questões sobre a mudança social. Ela está tornando a pobreza uma questão política. Os organizadores acreditam que contarão cada vez mais com o apoio popular para as batalhas que vêm pela frente.

A Alca não é amor

Por Sílvia Ferreira

A reivindicação de que a integração entre os países não deva ocorrer apenas sob o ponto de vista econômico, mas que leve em consideração aspectos sociais, políticos e culturais, foi unânime no encontro que discutiu ontem a Área Livre de Comércio das Américas (Alca).

"O fracasso do Acordo de Livre Comércio da América do Norte (Nafta) é, na verdade, um laboratório daquilo que certamente deverá ocorrer com a Alca", advertiu o diretor do Observatório das Américas da Universidade de Québec à Montreal, Dorval Brunelle.

Brunelle, um dos painelistas do encontro, argumentou que tanto os Estados Unidos quanto a Alca trabalham com parâmetros estritamente econômicos, deixando de lado o livre comércio para promover a liberalização.

"Não há uma simetria de poder entre os países envolvidos nessas negociações, os Estados Unidos ditam o mercado", disse ele. "A saída não é o comércio", acrescentou a pernambucana Solange Rocha, do SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia.

"Estamos articulando o movimento 'Um Mundo, Uma Luta', com oito países da América Latina e do Caribe, para intervirnos

O fracasso do Nafta é um exemplo do que deverá acontecer na América Latina com a implementação da Alca, conforme os observadores

nas agendas da Organização Mundial do Comércio (OMC) e da Alca, visando formar um pensamento político que force, por exemplo, a quebra de patentes de medicamentos para a AIDS.

Referendo nacional

O presidente do Conselho de Organizações de Micro, Pequena e Média Empresa do Peru, Rómulo Fernández Medina, lembrou que a tendência das relações bilaterais comandadas pelos Estados Unidos em solo peruano é aumentar o desemprego, a falência de empresas e a diminuição de arrecadação fiscal do Estado.

"Estamos organizando um abai-

xo-assinado que deverá ter pelo menos um milhão de assinaturas para propormos um referendo nacional com a seguinte pergunta: devemos continuar as negociações com os Estados Unidos ou devemos suspendê-las?", informou Medina.

Para Alejandro Villamar, da Rede Mexicana de Ação Frente ao Livre Comércio (RMALC), houve um esgotamento da potência inercial dessas relações comerciais. "É necessário construir um novo imaginário, no qual as relações entre países deverão passar por quatro pontos fundamentais: integração energética, financeira, infra-estrutura e segurança regional", disse.

I 
LULA

O “mimado de Washington”



Por Walden Bello
diretor do Focus on the Global South,
com sede em Bangcoc

Já com cinco anos cumpridos, o Fórum Social Mundial (FSM) volta a Porto Alegre, depois de ter sido um sucesso em Mumbai, na Índia. O ânimo das milhares de pessoas participantes se verá provavelmente afetado pela tragédia do maremoto no sul da Ásia, bem como pela mudança do contexto nacional no Brasil. Na reunião anterior na capital do Rio Grande do Sul, em janeiro de 2003, o Fórum esteve muito animado pela vitória do candidato do Partido dos Trabalhadores, Luiz Inácio Lula da Silva, nas eleições presidenciais de poucos meses antes.

Atualmente, o movimento progressista brasileiro que é a espinha dorsal do processo de Porto Alegre, está desanimado por causa das políticas fiscais conservadoras adotadas pelo governo Lula, que geram um alto desemprego e crescimento escasso. De esperança das massas brasileiras, Lula se converteu no “mimado” de Washington e Wall Street, devido à sua completa submissão às medidas propostas pelo Fundo Monetário Internacional (FMI).

O problema Lula

O “problema Lula” afeta não apenas os brasileiros. Muitos dos milhares que estão viajando, com

dificuldades, para Porto Alegre, estão descontentes com o papel do Brasil na reanimação da Organização Mundial do Comércio. A OMC parecia ter entrado em uma crise irreversível quando sua V Cúpula Ministerial entrou em colapso no balneário mexicano de Cancún, em setembro de 2003. Para fazer essa organização reviver, Estados Unidos e União Européia cooptaram o Brasil, junto com a Índia, como sócios, para criar-se um contexto de negociações para um novo acordo sobre agricultura. O resultado disso foi o chamado Acordo Marco de Julho 2004, que colocou novamente a OMC em pé.

Entretanto, as coisas estão mudando.

Mudança a vista

O desencanto com relação às políticas neoliberais está avançando na América Latina, onde um governo neoliberal após outro foi colocado de quatro nas ruas pelos eleitores.

Enquanto o Brasil se dobrou sob pressão, outros governos, como os da Venezuela e da Argentina estão dirigindo seus passos para outros caminhos. Buenos Aires, por exemplo, congelou a maior parte dos pagamentos de credores privados e vê crescer sua economia em 8% durante dois anos seguidos. Como conseguiu isto “ignorando ou desafiando a ortodoxia econômica e política”,

“Atualmente, o movimento progressista brasileiro está desanimado pelas políticas fiscais conservadoras adotadas pelo governo Lula, que geram desemprego e um escasso crescimento”

segundo escreveu o jornal *The New York Times*, será provavelmente um dos tópicos de forte discussão no FSM.

Como em Mumbai no ano passado, a guerra no Iraque será uma preocupação central. Foi em uma reunião relacionada com o FSM, o Fórum Social Europeu, realizada em Florença, que surgiu o chamado para as marchas globais contra a guerra e das quais participaram centenas de milhões de pessoas em todo o mundo, no dia 15 de fevereiro de 2003.

Mas, como acontece com Lula, a euforia que se seguiu ao surgimento de um movimento pela paz verdadeiramente global agora

dá lugar à frustração de se sentir incapaz de conseguir deter a invasão ou de forçar a retirada das tropas norte-americanas.

Isso está ligado à comoção e à ira com que muitos vêem a mensagem das eleições de 2 de novembro nos Estados Unidos, que significa a consolidação do poder com base eleitoral, com o qual a direita republicana poderá dominar em um futuro previsível.

Entretanto, a frustração se verá mesclada em muitos com um sentimento de desafio. Como coordenar a expressão deste sentimento através das fronteiras? Como levar a resistência contra a guerra a demonstrações de desobediência civil maciça? Como conectar mais organicamente o movimento global pela paz com a sociedade civil do Oriente Próximo e Médio, que promete ser um campo de batalha estratégico nos próximos anos? Como engajar as lutas locais às lutas mais amplas no Iraque e na Palestina?

Estas questões deverão ser exploradas na Assembléia Antiguerra e em outros lugares de reunião e a esperança de muitos é que o movimento pacifista saia de Porto Alegre menos espontâneo e mais organizado.

Que o FSM tenha sobrevivido e se convertido em uma instituição é uma demonstração de que calou profundamente na vasta reserva de energia da sociedade civil global.

FSM Paralisado?

Muitos, entretanto, sentem que o que representa a fonte da fortaleza do FSM também pode ser sua debilidade e que, para evitar que ele se paralise, é necessário que, como instituição, tome posições mais claras em assuntos importantes destes tempos, como os da Palestina, do Iraque e da OMC, bem como traduza estas posições em programas de ação.

Este debate provavelmente será mais intenso este ano do que nos anteriores, mas se está mais perto de ser resolvido é algo que ainda está para se ver.

Este Fórum, ao contrário dos anteriores, é uma reunião completamente auto-organizada pelos participantes, sem painéis centrais preparados pelo comitê brasileiro, o que reflete um esforço consciente para construir um espaço que seja horizontal e aberto e que estimule uma “fertilização cruzada” acima das barreiras políticas, setoriais, culturais, geográficas e lingüísticas.

Provavelmente, não haverá surpresas em Porto Alegre este ano. Esta previsibilidade, dizem muitos, se converterá de forma crescente em um lastro para o que foi certa vez um espaço muito apaixonante.

Esta coluna é parte da série sobre Globalização e Direitos Humanos, um esforço conjunto entre a Dignity International (www.dignityinternational.org) e o Serviço de Colunistas da IPS.

Lula, the 'Darling of Washington'

Now five years old, the World Social Forum is returning to Porto Alegre, Brazil, after its big success in Mumbai, India. The mood of the thousands of people expected is likely to be affected by the tsunami tragedy in South as well as the changed national context in the host country.

At the last Porto Alegre event, in January 2003, the forum was greatly animated by triumph of the Workers' Party candidate Lula (Luis Inácio Lula da Silva) in the presidential polls a few months earlier. Today, the Brazilian progressive movement that is the backbone of the Porto Alegre process is dispirited owing to the fiscally-conservative policies adopted by the Lula government, which have generated high unemployment and little growth. From being the hope of the Brazilian masses, Lula has become the darling of Washington and Wall Street owing to his full compliance with the measures proposed by the International Monetary Fund (IMF).

The 'Lula problem'

The 'Lula problem' affects not only Brazilians. Many of the thousands trekking to Porto Alegre are upset at Brazil's role in reviving the World Trade Organization. The WTO appeared to have entered an irreversible crisis when its Fifth Ministerial collapsed in Cancun, Mexico, in September 2003.

To revive the organization, the United States and the European Union co-opted Brazil, along with India, as partners to create a framework for ne-

gotiations for a new Agreement on Agriculture. The result was the so-called July 2004 Framework Agreement that brought the WTO back on its feet.

In almost all aspects, the July Framework was a bad deal for the South, but Brazil and India's endorsement made it difficult for most developing countries to resist its adoption by the WTO's General Council.

How to deal not only with the WTO but with the whole phenomenon of corporate-driven globalization will be a central concern cutting through eleven theme areas. The debate over the effects of globalization has long been won by its critics, with the overwhelming weight of the evidence correlating free market policies with increasing inequality both within and among countries, growing numbers of poor, and weak, unsustainable growth.

Yet, like the proverbial hand of the dead engineer on the throttle of a speeding train, neoliberal policies continue to reign in most developing countries, often in the guise of World Bank-sponsored macroeconomic strategies (PRSPs) ostensibly aimed at prioritizing poverty reduction but are actually the same old free-market programs with cosmetic safety nets added on.

Change on sight

Nevertheless, things are changing. Disenchantment with neoliberal policies is most advanced in Latin America, where one neoliberal government after another has been booted out of office by voters or, as in

the case of the Gonzalo Sánchez de Lozada government in Bolivia, overthrown by the people.

While Brazil has buckled under pressure, other governments such as those in Venezuela and Argentina are leading the way in charting other paths.

Argentina, for instance, has frozen most payments to private creditors and seen its economy grow by eight per cent two years in a row. How it did this —"by ignoring or defying economic and political orthodoxy", as the New York Times puts it—is likely to be one of the topics of hot discussion among forum participants.

As in Mumbai last year, the war in Iraq will be a central concern of the meeting.

It was, after all, at a WSF-related event, the European Social Forum (ESF) held in Florence in November 2002, that the call was issued for the global anti-war march that brought out hundreds of millions of people throughout the world on February 15, 2003.

But like Brazil's excitement over Lula, the euphoria accompanying the emergence of a truly global movement for peace has since given way to frustration at being unable to stop the US invasion and force the withdrawal of US troops.

This is linked to shock and anger at what many see as the message of the November 2, 2004, elections in the US: the consolidation of an electoral power base in the US from which the Republican right can rule for the foreseeable future.

Frustration will, however, be mixed with a sense of challenge for many. How to coordinate more effectively

"Like the proverbial hand of the dead engineer on the throttle of a speeding train, neoliberal policies continue to reign in most developing countries, often in the guise of World Bank-sponsored macroeconomic strategies (PRSPs) ostensibly aimed at prioritizing poverty reduction but are actually the same old free-market programs with cosmetic safety nets added on."

By Walden Bello

Executive director of the Bangkok-based Focus on the Global South.

ervoir of energy of global civil society. The WSF prides itself as an open space for discussion and debate among different movements. Many feel, however, that what is the source of the WSF strength may also its weakness, and that to keep from becoming ossified it needs as an institution to take more partisan stands on the key issues of the time such as Palestine, Iraq, and the WTO, and translate these stands into action programs. This debate is likely to be more intense this year than in previous years, but whether it is closer to being resolved remains to be seen.

What distinguishes this year's WSF from previous years?

For one, this year's forum is completely self-organized by participants, with no central panels organized by the host committee, reflecting a conscious effort to build a space that is horizontal and open, and which encourages cross-fertilization across political, sectoral, geographic, cultural, and language barriers.

There are likely to be no surprises in Porto Alegre this year. This predictability, say many, will increasingly become a liability for what was once a very exciting space.

This column is part of the series on Globalisation and Human Rights, a joint project of Dignity International <http://www.dignityinternational.org> and the IPS Columnist Service.

© IPS



CITIZENS HOLDING GOVERNMENTS TO ACCOUNT

2005: No excuses! Governments should deliver their promises.

2005 is the year the world is called to unite and speak out against poverty.

Promises made by world leaders must be kept, and there are no excuses.

Citizens, civil society organizations and social movements should put pressure on governments to honour the commitments they have made on trade justice, debt cancellation, the Millennium Development Goals and better aid.

Be part of the Global Call to Action Against Poverty

Wear the white band, the symbol of the movement, during key events in 2005 including:

- July 1st – Prior to the G8 meeting of world leaders in the UK
- September 10th – Prior to the UN Summit to review the Millennium Declaration in New York
- December – Prior to the WTO Ministerial in Hong Kong

We are the first generation that can put an end to poverty and we refuse to miss this opportunity.



www.millenniumcampaign.org
www.whiteband.org

Uma história de dois fóruns em mundos separados

Por Hilmi Toros

O exclusivo resort de montanha de Davos, na Suíça, reúne uns poucos dirigentes selecionados, economistas e políticos, para o Fórum Econômico Mundial, que discutirão o tema Assumir Responsabilidade Por Escolhas Difíceis. Eles têm todos os luxos adequados a seu status oficial e estão cercados por forte segurança.

A simples cidade de Porto Alegre, localizada às margens do lago Guaíba, no sul do Brasil, tem 120 mil membros da sociedade civil, ou “dirigidos”, aglomerados para o Fórum Social Mundial, unidos sob o tema Um Outro Mundo é Possível. Alguns acampam em tendas no Parque Harmonia ou pagam apenas US\$ 5 por dia para se hospedarem em casas de famílias. Não há detectores de metal à vista.

Os dois fóruns estão acontecendo ao mesmo tempo, mas afastados por mais do que a distância (milhares de quilômetros separam os dois locais) ou a natureza do clima (Davos está congelando; Porto Alegre está fervendo).

O Fórum Econômico Mundial se denomina como “a principal comunidade global de líderes empresariais, políticos, intelectuais e outros da sociedade empenhados em melhorar a situação mundial”.

De outro lado, o Fórum Social Mundial é “um lugar de encontro aberto, onde grupos e movimentos da sociedade civil se opõem ao neoliberalismo e a um mundo dominado pelo capital ou por qualquer forma de imperialismo”.

Em Davos você dificilmente pode tomar parte em discussões como “iniciativa de administração global”, “filantropia corporativa estratégica” ou “encontrando meios rentáveis de tornar produtos e serviços acessíveis aos necessitados”.



Paulino Menezes

Porto Alegre, aberta à solidariedade

Ao contrário, o Fórum Social Mundial enxerga suas tarefas como “criação de uma sociedade mundial centrada na pessoa humana” e permite aos participantes “reunir-se para expor seus pensamentos, debater idéias democraticamente, formular propostas, compartilhar suas experiências livremente e fazer contatos para ações efetivas”.

Em Porto Alegre, você pode facilmente se perder, perambulando por mais de 2,5 mil eventos programados por cerca de quatro mil organizações de 112 países. Do amanhecer até meia-noite, as atividades que estão em andamento vão desde “debates de rua” até o Primeiro Fórum Mundial Sobre Informação e Comunicação ou

um festival intercontinental de filmes.

Alguns são dedicados aos indígenas, movimentos negros e palestinos. Uma tenda, denominada Tenda Solidária de Cuba e Venezuela, mostra solidariedade com estes dois países em suas questões com os Estados Unidos.

Em Davos, estará o primeiro-ministro britânico, Tony Blair, abrindo uma conferência que também envolve Bill Gates da Microsoft, diretores de altas finanças do Citigroup, Deutsche Bank, da gigante de alimentos Nestlé, da companhia farmacêutica Novartis e da Bolsa de Valores de Nova York, dentre 2,25 mil participantes de 96 países. Os ilustres de Davos também incluem 20 chefes de Estado ou governos, 70 ministros de governos e alguns líderes trabalhadores e religiosos, bem como poucas ONGs (organizações não-governamentais).

Como novidade, e com um pouco do espírito dos fóruns sociais mundiais, Davos terá a Global Town Hall, uma sessão interativa destinada a reunir diversas opiniões em tópicos como Perspectivas de Negócios em Parcerias de Múltiplos Acionistas, Cidadania Corporativa Global e Priorizando o Investimento Responsável.

Em contraste, o acontecimento social de Porto Alegre começa e termina com uma Marcha pela Paz, sem nenhum líder em particular. Nesse intervalo, trocas abertas e animadas acontecem nas áreas social, racial, econômica, ambiental e de saúde.

Talvez a única ligação conhecida entre os dois fóruns seja o presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva, que participará de ambos os eventos em uma atitude vista por alguns como um golpe ao espírito de Porto Alegre, enquanto outros o vêem levando uma forte mensagem para os ilustres de Davos sobre as preocupações da sociedade civil.

Na verdade, observadores experientes de questões mundiais observam que, sob os fortes con-

trastes entre os dois fóruns, existe uma tendência para a necessidade de se buscar parcerias entre governos, empresas e sociedade civil.

Antes da abertura formal dos dois fóruns, existiam sinais de *mea culpa* de Davos. “A análise de 2004 mostra que poucos do setor público ou privado estão fazendo alguma coisa perto do que é necessário para colocar o mundo na direção de alcançar suas metas mais importantes”, anunciou o Fórum Econômico Mundial, acrescentando que “2005 poderá ser o ano das mudanças, especialmente se as tremendas energias da empresa privada forem aproveitadas de maneira mais efetiva.”

A dra. Kate Taylor, diretora da Iniciativa Global de Saúde do Fórum Econômico Mundial, disse: “poucas companhias estão respondendo proativamente às ameaças sociais e empresariais do HIV/aids”.

Apesar de 14 mil pessoas contraírem HIV/aids todos os dias, a preocupação entre as empresas caiu 23% nos últimos 12 meses, com a maioria das companhias (71%) não tendo políticas para tratamento da doença, de acordo com um anúncio de Davos, enquanto mais de 65% dos líderes empresariais entrevistados não puderam dizer ou estimar a prevalência do HIV entre seus próprios funcionários.

Em uma rara semelhança entre os fóruns, ambos terão que enfrentar as implicações de um novo elemento na política mundial: a luta contra os “tiranos”, anunciada por Bush II, dando sequência às “armas de destruição em massa” e “mudanças de regime” de Bush I.

A “guerra contra o terrorismo global” liderada pelos Estados Unidos terá apenas uma menção em Porto Alegre. Enquanto o encontro de Davos pode ligar o terrorismo à segurança global e regional, o grupo de Porto Alegre considera a desmilitarização, o livre comércio e as questões da dívida mais vitais para a segurança.

A Tale of Two Forums in Worlds Apart

By Hilmi Toros

The exclusive mountain resort of Davos in Switzerland unites a few selected rulers – both economic and political – in a World Economic Forum on “Taking Responsibility for Tough Choices.” They have all the luxuries befitting their official status and are ringed by security steel.

The simple river-bank city of Porto Alegre in southern Brazil, has 120,000 members of Civil Society, or the “ruled” amassed in a World Social Forum united under the theme “Another World is Possible.” Some camp in tents at the “Parque Harmonia” or pay as little as \$5 a day to stay with families. There are no metal detectors in sight.

The two forums are being held at the same time but they are set apart by more than distance – thousands of kilometres separates the two locations – or by the nature of the weather (Davos is freezing; Porto Alegre is steaming).

The World Economic Forum calls itself “the foremost global community of business, political, intellectual and other leaders of society committed to improving the state of the world.”

On the other hand, the World Social Forum is “an open meeting place where groups and movements of civil society opposed to neo-liberalism and a world dominated by capital or by any form of imperialism.”

In Davos, you can hardly get in as potentates discuss “Global Governance Initiative”, “strategic corporate philanthropy” or “finding profitable ways to deliver affordable goods and services to the poor.”

By contrast, the World Social Forum sees its task as “building a planetary society centred on the human person” and allowing participants to “come together to pursue their thinking, debate ideas democratically, formulate proposals, share their experiences freely, and network for effective action.”

In Porto Alegre, you can easily get lost wandering among over 2,500 scheduled events by some 4,000 organisations from 112 countries.

From dawn to midnight, activities are in progress ranging from “street debates” to the

First World Forum on Information and Communication and an intercontinental movie festival.

Some are dedicated to indigenous people, black movements and Palestinians. One tent, called “Cuba and Venezuela Solidarity Tent”, is in solidarity with these two countries in their faceoff with the United States.

The Davos luminaries also include 20 heads of state or government and 70 cabinet ministers and some labour and religious leaders as well as limited NGOs.

As a novelty, and somewhat in the spirit of World Social Forums, Davos will have a “Global Town Hall” as an interactive session designed to bring diverse voices on topics like “Business Perspectives on Multi-stakeholder Partnerships,” “Global Corporate Citizenship” and “Mainstreaming Responsible Investment.”

By contrast, the Porto Alegre social fest begins and ends with a Peace March with no particular leader. In between, open and spirited exchanges take place on social, racial, economic, environment, flood and health.

Perhaps the only known link between the two forums is Brazilian President Jose Inácio Lula da Silva, who will attend both events in a development seen by some as a blow to Porto Alegre while others see him carrying a strong message to Davos luminaries on the concerns of Civil Society.

In fact, veteran observers of world affairs note that, beneath the strong contrasts between the two forums, there also is an undercurrent of the need to seek “partnerships” among governments, business and Civil Society.

Both forums will have to face the implications of a new element in world politics: the fight against “tyrants” announced by Bush II, following on “weapons of mass destruction” and “regime change” of Bush I.

The US-led “war on global terrorism” barely gets a mention in Porto Alegre. While Davos gathering may link terrorism to global and regional security, the Porto Alegre crowd considers demilitarization, free trade and debt issues more vital to security.

Network Institute for Global Democratization and Program on Democracy and Global Transformation (San Marcos University) in WSF V:

With Critical Network and IBASE

Knowledge And Revolution

Anfiteatro Pôr-do-Sol
27/01 8:30-11:30h Sala F603
Boaventura de Sousa Santos, Anibal Quijano, Erhard Crome, Nelson Maldonado Torres, Catherine Walsh, Ivo Lesbaupin

With Critical Network and IBASE

Main Challenges Of The International Situation

Anfiteatro Pôr-do-Sol
27/01 12-15h Sala F603
Immanuel Wallerstein, Atilio Boron, Sohi Minchoi, Uli Brand, Candido Grzybowski, Jose Correa, Nicola Bullard, Teivo Teivainen, Moema Miranda, Christophe Aguiton

With Critical Network and IBASE

Democracy And Revolution

Anfiteatro Pôr-do-Sol
28/01 8:30-11:30h Sala F603
Ana Ester Ceceña, Anibal Quijano, Teivo Teivainen,

Enrique Dussel, Líbia Grueso, Raúl Zibechi, Hector Almonda, Roberto Espinoza, Moema Miranda, Luis Alberto Gomez

Currency Transaction Tax: A Necessity Against Neoliberal Globalisation

Towards International CTT Campaign
Anfiteatro Pôr-do-Sol
28/01 8:30-11:30h Sala F102
Antonio Martins, Paolo Prieri, Jacques Cossart, Ruby van der Wekken

With Movimento Raiz

Radical Democracy And Alternative Socialisms

Youth Camp
29/01 16:30-19:30h
Caracol Intergalactica
Miguel Palacin, Teivo Teivainen, Ivonne Yanez, Boaventura de Sousa

Setting Up A Global Campaign Against The Debt

Anfiteatro Pôr-do-Sol
30/01 8:30-11:30h Sala G104

Eric Toussaint, Iolanda Fresnillo, Ruby van der Wekken, MP Giyose

Towards US And North American Social Forums

Anfiteatro Pôr-do-Sol
30/01 12-15h Sala H202
Marc Becker, Patrick Barrett, Janet Conway, Mike Mesner, Thomas Ponniah, Victor Rosado, Maria Atlano

Future Of The WSF

Youth Camp
30/01 16:00-19:00h
Caracol Intergalactica
Immanuel Wallerstein, Boaventura de Sousa, Meena Menon, Moema Miranda, Thomas Ponniah, Michael Hardt, Teivo Teivainen and Virginia Vargas

International Campaign For The CTT
www.cttcampaigns.info

Draft Treaty Of A Currency Transactions Tax
www.nigd.org/ctt

O valor da transformação

Criatividade, capacidade e solidariedade são valores que fazem de nós o que somos: brasileiros. Gente que não se cansa, vai à luta, encontra saídas. São esses valores que estimulam a Fundação Banco do Brasil, com milhares de brasileiros, a promover a cidadania e a inclusão social. Com ações ligadas à Educação e à Geração de Renda, a Fundação mobiliza pessoas e comunidades, articula parcerias e dissemina tecnologias sociais. E juntos tecemos uma rede viva que trabalha pela transformação social e construção de um país de todos.

Izaias Silva
Programa Berimbau
Porto Sauípe / Entre Rios - BA



cidadania-e.com.br



Pssst ... Mr. Blair, Civil Society is Coming

By Debra Anthony

British Prime Minister Tony Blair may want to hire additional staff for his mailroom because quite shortly he will be getting more mail than ever before. The mail will come courtesy of the International Cooperation for Development and Solidarity (CIDSE), an umbrella organization for Catholic development agencies.

CIDSE launched its assault on Blair Thursday at a multilingual session at the World Social Forum (WSF). Speakers exhorted their audience in English, French, Spanish and Portuguese, with translations also into Spanish, to bombard Blair with a postcard designed by CIDSE, which urges rich countries to end dumping, double development aid and cancel the debts of developing countries.

Blair is the main focus of the campaign because he is not only hosting the G8 summit in July this year, but also will shortly take over the presidency of the European Union. But

European citizens are urged to send postcards to their heads of government as well, says Christiane Overkamp, secretary general of CIDSE. Those unable to acquire the physical postcards can send an electronic one online by accessing CIDSE's website, she added.

The campaign is part of the faith-based organisation's contribution to the larger White Band campaign, a global effort to pressure donor countries to live up to their promises of increased aid to the developing world to help achieve the Millennium Development Goals (MDG).

The United Nations, which helped pioneer the MDG, will stage a Millennium Summit review in September at which it will look at the progress made so far on the goals. The White Band campaign is hoping to

shame, harass and generally bedevil donor countries in the run up to that Summit, so that in September they may finally take concrete steps toward addressing their MDG promises.

In the year 2000, 189 countries agreed on eight goals to raise the standard of living for developing countries. Among the targets: universal primary education by 2015, halving the number of people living in poverty i.e. on less than one dollar a day, also by 2015, and slashing hunger. Developed countries also promised to give 0.7 percent of their income towards achieving these targets.

But activists here at the WSF say the donor governments have let them down. "The

MDG come at a time when neoliberal thinking is in the ascendancy and it is being used and exploited by the richer nations" in an effort to conceal the fact that they are retreating from their promises of assistance, says Jenina Joy Chavez of Focus on the Global South.

In other words everything they do, they label as part of their MDG obligations, when it is not so.

The time had arrived to increase the pressure, Chavez said.

"This is no time to be timid," she added. "The rich countries are not timid when it comes to protecting their interests ... and so we cannot afford to be."

CIDSE's postcard campaign will be run in Catholic churches and outreach organizations worldwide and will be made available to any civil society group interested in stuffing Blair's mailbag.



El Foro no es un fin en sí mismo

Paul Nicholson
Via Campesina

Seattle 99 fue el comienzo de un proceso de articulación de los movimientos sociales en lucha contra el modelo neoliberal y en estos cinco años hemos dado muchos pasos en la construcción de alternativas. Asombra que no hubo un encuentro de movimientos sociales para enfrentar a la OMC ni antes, ni durante, ni al fin de aquella fracasada conferencia. Esta lucha que surgió de las incipientes alianzas entre las organizaciones y movimientos sociales posteriormente fue consolidándose como un espacio de reflexión y de articulación de luchas contra el modelo neoliberal. La paternidad del Foro Social es de todos y de todas.

Desde el primer Foro en Porto Alegre, con una participación de diez mil activistas, hasta el Foro de hoy, con una presencia de cincuenta mil, hemos crecido en popularidad y en el deseo de construir espacios de lucha. Esta popularización del movimiento de los Foros es positiva, pero también genera nuevas exigencias de que no sea ya un motivo de turismo sino una plaza de luchas sociales contra el neoliberalismo. A los movimientos sociales les corresponde avanzar en la lucha contra la guerra, la "liberalización" del comercio y la OMC, contra el machismo, contra la discriminación de los excluidos.

El Foro Social Mundial no es patrimonio de nadie, es patrimonio de las luchas y no debe haber ningún miedo a los desafíos del futuro. El Foro al final es un instrumento para transformar la sociedad no es un fin en sí mismo y sus tiempos y periodicidades tienen que responder a los tiempos de lucha. El intervalo de dos años es más que suficiente, un año mundial y otro regional y local.

**MINGA/MUTIRÃO
INFORMATIVA
de movimientos
sociales**
www.movimientos.org



A FAIR GLOBALIZATION UMA GLOBALIZAÇÃO JUSTA UNA GLOBALIZACIÓN JUSTA

Sindicatos, ONGs e sociedade civil organizada debatem as recomendações da Comissão Mundial sobre a Dimensão Social da Globalização, estabelecida pela Organização Internacional do Trabalho (OIT).

Governança, comércio e investimentos estrangeiros, economia local, alternativas econômicas, direitos humanos, direitos no trabalho, justiça social, democracia, direitos civis

Todos os dias de 27 a 30 de Janeiro às 8:30, 11:30 e 15:00hs. Eixo 6, Espaço I, sala 105.

CISL-ICFTU / CMT-WCL / CES-ETUC / GPF / Social Alert / SOLIDAR

Para conhecer o informe visite o sítio web da OIT www.ilo.org/fairglobalization